

O LUGAR DO DESEJO NA MATRIZ HETEROSSEXUAL DE SENTIDOS: UMA ANÁLISE DE *TRIUNFO DOS PÊLOS*, DE ARETUSA VON

Anselmo Peres Alós*

Resumo: A partir da noção de matriz heterossexual desenvolvida pelos *Queer Studies*, e das noções de forma-sujeito e posição-sujeito advindas da Análise do Discurso de escola francesa, pretende-se ler o funcionamento discursivo do mecanismo que, na cultura ocidental, prega a heterossexualidade como norma *natural*, excluindo uma série de possibilidades subjetivas como posições legítimas para o sujeito do discurso. O objeto de análise aqui tomado é o conto *Triunfo dos pêlos* (2000), de Aretusa Von.

Palavras-chave: Matriz heterossexual. Produção de sentido. Análise do discurso. Aretusa Von.

Abstract: This study investigates the discursive functioning of the Western culture apparatus that preaches heterosexuality as a *natural* norm, thus excluding a series of subjective possibilities as legitimate positions for the discourse subject. It uses Queer Studies' notion of heterosexual matrix and the French School Discourse Analysis' notions of subject-form and subject position. The analysis focus on the short story *Triunfo dos pelos*, by Aretusa Von, first published in 2000.

Keywords: Heterosexual matrix. Meaning production. Discourse analysis. Aretusa Von.

Forma-sujeito e posição-sujeito

De acordo com Michel Pêcheux (1988), um dos maiores expoentes – se não o maior – da análise do Discurso de orientação francesa, o sujeito é antes de tudo, o efeito resultante da relação entre duas instâncias materiais: a *língua* e a *história*. Logo, ele não é totalmente livre (não tem o domínio absoluto de si), nem tampouco completamente determinado por mecanismos exteriores a ele. Aqui emerge uma importante diferenciação: *forma-sujeito* e *posição-sujeito*:

[A forma-sujeito] é a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a *formação discursiva* que o constitui. Esta identificação baseia-se no fato de que os elementos do *interdiscurso*, ao serem retomados pelo sujeito do discurso, acabam por determiná-lo. Também chamado de sujeito do saber, sujeito universal ou sujeito histórico de uma determinada formação discursiva, a forma-sujeito é responsável pela ilusão de unidade do *sujeito* (FERREIRA, 2001, p. 15).

Sendo duplamente determinado, o sujeito descrito por Pêcheux configura-se como um sujeito ao qual não é mais possível atribuir intencionalidade. De acordo com Freda Indursky, “por todos esses traços que demarcam esse sujeito, a Análise do Discurso centra seu interesse nas diferentes formas de *representação do sujeito*” (INDURSKY, 2000, p. 71). A partir da noção de formação discursiva e de forma-sujeito, Pêcheux desenvolve suas reflexões sobre o desdobramento do mesmo no campo das práticas linguageiras. Nessas reflexões, as posições-sujeito possíveis são vistas em sua relação com a formação discursiva dominante (que determina a forma-sujeito), apontando para a determinação do sujeito a partir de uma instância ideológica que tem sua materialidade disseminada na formação discursiva e materializada no discurso, mostrando assim o seu funcionamento na *constituição do sujeito*.

É através do modo pelo qual a posição-sujeito relaciona-se com a forma-sujeito que se tem o desdobramento do sujeito do discurso. Esta questão é de crucial importância para se entender o funcionamento da matriz heterossexual na cultura ocidental, como será visto mais adiante. Pêcheux mostra que existem três formas pelas quais essa relação pode se dar: a de *identificação*, a de *contra-identificação* e, finalmente, a de *desidentificação*.

Na primeira dessas possibilidades, a de identificação, o que temos é um sujeito do discurso que pode ser caracterizado como um *bom-sujeito*, ou seja, uma posição-sujeito coincidente com a forma-sujeito que regula os sentidos dominantes de uma formação discursiva. Na segunda, temos a contra-identificação, um trabalho do sujeito do discurso sobre a forma-sujeito, “resultando na tomada de posições não-coincidentes, divergentes, discordantes” (INDURSKY, 2000, p. 74). Ou seja, não é mais possível pensar o sujeito como uma noção autocentrada e monolítica; deve-se sempre ter em mente os seus desdobramentos. Tal formulação realiza um salto dentro das próprias concepções teóricas da Análise do Discurso, pois permite a instauração da diferença dentro de uma formação discursiva a partir do desdobramento do sujeito, ou ainda, nas palavras de Indursky, a *contra-identificação*. A *desidentificação*, por fim, vem dar conta daquilo que sucede quando o trabalho *na* e *sobre* a

* Doutor em Letras pelo PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professor adjunto do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), no Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa

forma-sujeito (realizado pelo sujeito do discurso) conduz a uma ruptura tão grande em relação ao conjunto dos saberes da formação discursiva que a posição-sujeito daí resultante não mais está contida nesta. Se uma formação discursiva é “aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e o que deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1988, p. 160), a posição-sujeito produzida pelo processo de desidentificação faz com que o sujeito do discurso *migre* para outra formação discursiva, na qual o sujeito do discurso vai identificar-se com a forma-sujeito a ela correspondente.

Cabe mencionar que essa aparente liberdade da qual o sujeito do discurso dispõe em nenhum momento derruba a dupla determinação do sujeito, de ordem *ideológica* e *inconsciente*. Não há aqui espaço para um processo de *dessubjetivização* libertador do sujeito do discurso, mas sim o deslizamento de um terreno para outro, o que permite a instauração de novos sentidos, é verdade, mas que nem por isso deixam de estar regulados por saberes ideologicamente determinados.

A noção de matriz heterossexual

A identidade é, antes de qualquer outra coisa, um *processo* complexo no qual estão envolvidas uma série de assimilações, identificações e refutações do indivíduo, resultante de suas inscrições em lugares ideológicos. Mais do que isso, como lembra Leo Bersani, “a tentativa de estabilização da identidade é inerentemente um projeto disciplinar” (BERSANI, 1996, p. 3). Ao conjugar o dispositivo teórico da Análise do Discurso com a noção de matriz heterossexual desenvolvida pela filósofa estadunidense Judith Butler (1990), pretende-se aqui averiguar as possíveis posições-sujeito nas quais o sujeito do discurso da(s) sexualidade(s) se insere. Sendo o sujeito do discurso o resultado do(s) processo(s) de identificação, contra-identificação e desidentificação, quer-se averiguar como se consolidam tais processos na materialidade da língua. Para tanto, parte-se do princípio de que a noção de matriz heterossexual configura-se como a formação discursiva dominante, na qual uma forma-sujeito está regimentada por uma formação ideológica que prega a naturalidade e a normalidade da heterossexualidade, a partir de um contínuo sexo-gênero-desejo, no qual o sexo anatômico é tomado como determinante do gênero que, por sua vez, é tomado como determinante do

desejo (hetero)ssexual. Enfim, entender o funcionamento dessa formação discursiva dominante é compreender aquilo que Judith Butler descreve sob a designação de matriz heterossexual. Para isso, entretanto, é necessário averiguar antes o que Butler tem em mente quando utiliza as categorias *sexo*, *gênero* e *desejo*.

Sexo, a princípio, é uma categoria estabelecida a partir de um dado biológico, aquilo que convencionalmente vem sendo chamado de diferença sexual. Esse dado, sobre o qual a categoria *sexo* se sustenta, é posta como pertencente à ordem do natural. E é sobre essa *naturalidade* da diferença sexual, do dado empírico cuja materialidade é a genitália humana, que a lógica do desejo é construída, tal como se apresenta nas sociedades ocidentais. Esta lógica, uma das premissas do funcionamento da formação discursiva dominante, instaura a heterossexualidade como *normal* (tanto no sentido de *esperável*, antônimo a *anormal*, quanto no sentido de algo que é *normativo*, imposto). Isso porque é a partir do dado biológico, que polariza a espécie humana em machos e fêmeas, que a cultura irá construir os papéis de *gênero* (isto é, o conjunto de valores, traços e características que socialmente serão atribuídos aos domínios do *masculino* ou do *feminino*).

O desejo é uma categoria que vem dar a contribuição cabal para que se compreenda o funcionamento do mecanismo da heterossexualidade compulsória dentro do discurso hegemônico ocidental. Se o gênero (os papéis sociais aos quais os sujeitos têm acesso para que construam suas identidades), está posto na cultura como algo determinado pelo sexo, isso visa ao controle do desejo, a uma *regulação e normatização do desejo* através de procedimentos totalizantes. Ora, se as categorias de sexo e de gênero estão polarizadas como macho *ou* fêmea, masculino *ou* feminino, homem *ou* mulher, isso responde a uma demanda *natural e biológica*, que é a reprodução e a manutenção da espécie humana. Como consequência dessa grade fundacional de elaboração de sentidos, sob o prisma da heteronormatividade, o desejo sexual é apenas uma ferramenta para que a raça humana não seja levada à extinção.

É assim que a normalidade do desejo heterossexual é institucionalizada dentro da matriz heterossexual de produção de sentidos, cerceando e coibindo toda e qualquer outra possibilidade de realização do desejo, dado que qualquer outra manifestação do mesmo, caso não cumpra o requisito de responder a essa demanda humana - a reprodução -, é tomado como ilegítimo, anti-natural, ininteligível e anormal. Estes são os saberes dominantes nessa formação discursiva, os saberes que evidenciam uma forma-sujeito (não à toa também chamada de sujeito do saber) na qual a norma, o esperável, o natural, enfim, é a expressão do

desejo heterossexual. Não se pretende fazer aqui a negação da diferença sexual; ao contrário, o que se pretende é deslocar a discussão, até agora assentada em uma lógica determinista e polarizante, para a ordem do funcionamento discursivo, mostrando que tais colocações que se apresentam como *verdades naturais* são, em realidade, efeitos discursivos tomados com o valor de verdades evidentes e inquestionáveis, ou melhor, são enunciados que afloram discursivamente com efeito de verdade, um efeito que pode, entretanto, ser posto em xeque se os parâmetros para tal discussão forem deslocados para um outro lugar, um lugar teórico construído de forma a poder analisar os mecanismos discursivos apagados pelos interesses hegemônicos (ALÓS, 2006; 2004a; 2004b).

Talvez a evidência mais clara que se possa apresentar para a demonstração de que a categoria sexo é tão discursiva quanto as categorias gênero e desejo, e não a *origem* natural dessas duas, esteja na deslegitimação social que a coincidência dos dois sexos em um mesmo indivíduo sofre. Qual seria a expressão legítima do desejo hermafrodita? Desejar homens ou mulheres (pensando aqui em *homens* e *mulheres* tal como foram discursivamente construídos pelo regime de heterossexualidade compulsória da formação discursiva dominante? Aqui rui o projeto de embasar o contínuo heteronormativo na diferença sexual. Para evitar que o desejo sexual possa ser orientado para o mesmo, o hermafrodita, como argumento, é elidido, apagado, e banido das possibilidades humanas. O hermafrodita passa a ser encarado então como uma aberração da natureza, um lamentável erro genético que necessita de correção, de *domesticação*¹.

Dada a descrição da forma-sujeito relativa à formação discursiva dominante (ou matriz heterossexual) dos saberes sobre a(s) sexualidade(s), cabe agora, pois, realizar o mapeamento das posições-sujeito possíveis a partir dos já mencionados desdobramentos possíveis do sujeito (identificação, contra-identificação e desidentificação). Para tanto, toma-se como primeiro recorte discursivo a ser analisado um conjunto de textos ficcionais que se configura não apenas como um *dado* da língua, mas também como um *fato*. Cabe retomar aqui, brevemente, como é articulada a diferenciação entre *dado da língua* e *fato da língua* nos meandros da Análise do Discurso:

¹ De acordo com a *Intersex Society of North America* (ISNA), a cada mil nascimentos, uma criança nasce com algum grau de ambiguidade em termos de definição genética do sexo biológico. Cf. “How common is intersex?”. Disponível em: <<http://www.isna.org/faq/frequency>>. Acesso em: 03 jul 2012.

[O dado linguístico é o] objeto empírico da *linguagem*, quantitativo, constatável, que permite ao analista colocar a língua como foco central da análise. Trabalhar com o dado significa revelar uma preocupação com o produto e não com os processos de produção de um discurso. Para a Análise do Discurso, não existem dados enquanto tal, uma vez que eles precisam do fato, do *acontecimento*, para significar [...]. [O fato da língua é, por sua vez, um] dado provido de sentido que se produz como um objeto da ordem do discurso e nos conduz à *memória discursiva*. A concepção de fato traz para os estudos da linguagem a possibilidade de trabalhar com os processos de produção dos discursos, já que nos remete, não à evidência dos dados empíricos, e sim a acontecimentos histórico-sociais em torno dos quais se funda um discurso. Todo fato, para se constituir como tal, precisa ter algo de empírico em si (FERREIRA, 2001, p. 14-15).

Tal característica tornar-se-á evidente ao se explicitar de que conjunto de textos se está falando e de como sua publicação em livro se concretizou. Para tanto, torna-se necessário recuperar as condições de produção deste(s) discurso(s), tanto em sentido amplo quanto em sentido estrito. De acordo com Eni P. Orlandi, “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2000, p. 30).

O objeto de análise e suas condições de produção

Como já se mencionou anteriormente, ainda de *en passant*, o fato da língua a ser analisado neste trabalho é o conto *Triunfo dos pêlos*, de autoria de Aretusa Von, integrante da coletânea *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*². Esse volume nasceu de um concurso literário realizado pela Edições GLS, e foi publicado em forma de livro em 2000. A intenção do concurso foi a de estimular a produção literária que envolvesse, ao mesmo tempo, erotismo e sexualidades alternativas. O resultado foi a publicação do livro, composto por quinze contos selecionados a partir do concurso, mais dois textos escritos por autores convidados.

É interessante notar como se dá a demanda pela legitimação das subjetividades marginalizadas pela matriz heterossexual: uma vez que os sujeitos das sexualidades não-heterossexuais não se reconhecem com a heterossexualidade compulsória apregoada pela formação discursiva dominante, os sujeitos desse(s) discurso(s) se apropriam de uma instituição de prestígio (o texto literário) para, a partir dela, *discursivizarem e significarem* suas posições-sujeito. Logo, *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS* configura-se como um

² TREVISAN, João Silvério. *Triunfo dos Pêlos e Outros Contos GLS*. São Paulo: Summus, 2000.

objeto de duplo interesse, pois ao mesmo tempo em que se tem um *corpus* composto de narrativas literárias curtas, é estabelecido um lugar privilegiado (dada a inserção no político através da busca de legitimidade/visibilidade) para se observar o funcionamento de uma formação ideológica excludente que rege a formação discursiva dominante dos saberes sobre as sexualidade(s).

Triunfo dos pêlos, de autoria de Aretusa Von, é o conto que abre a coletânea, e se revela sendo um dos mais subversivos, quando lido a contrapelo da matriz heterossexual como formação discursiva dominante. Justamente por isso é que ele foi eleito como recorte discursivo para ilustrar as considerações de ordem teórica desenvolvidas até aqui. Importante também salientar que a diversidade presente no livro como um todo está, em certa medida, representada no recorte constituído por esta narrativa, o que a torna metonimicamente representativa e modelar para a análise do discurso da(s) sexualidade(s) ao longo de todo o livro.

Iniciando com a frase “hoje acordei homem” (VON, 2000, p. 15), a narradora do conto inicia sua fábula sexual pós-moderna que, a partir de um acontecimento fantástico, mina as bases da ordem ideológica da heterossexualidade compulsória. A narradora, autodiegética, é uma mulher que, em uma cerimônia de casamento, rouba uma pequena flor do buquê da noiva e faz um pedido: “me faça nascer homem na próxima encarnação” (VON, 2000, p. 15). Na manhã seguinte, ao acordar, a narradora-protagonista nota que ao invés da vagina, os deuses a agradeceram com “um pênis de fazer inveja ao mais bem-dotado ator de filme pornô” (VON, 2000, p. 15). Apesar de transfigurada em homem, a voz narrativa continua, ao longo da narrativa, declinando-se no feminino. Descobrimo-se homem, abandona sua casa, filhos e marido e parte para a rua, em busca de aventuras sexuais. Declara ela (agora transfigurada em *ele*): “estava louca para testar minha nova condição, ter mil opções, transar com todo mundo, aceitar qualquer proposta em que eu pudesse exercitar meu novo instrumento” (VON, 2000, p. 16).

Assim, a narradora (transfigurada em narrador) cruza a cidade de São Paulo em busca de aventuras sexuais. Na primeira delas vai até um pequeno hotel com uma mulher alta e morena que conhece na rua, ainda pela manhã. E já nesse primeiro contato há um deslocamento da subjetividade da narradora, que até agora era apenas uma mulher dotada de pênis. A mulher que acompanha a narradora pergunta se ela “é chegado em alguma perversão?” (VON, 2000, p. 16), ao que a narradora responde: “desfile para eu ver sua bunda” (VON, 2000, p. 16). Fica evidente o deslocamento realizado pela erotização *voyeur* do ato de

olhar da narradora: ela, que até o advento de ter acordado homem era apenas objeto sexual do marido, com a aquisição do pênis, torna-se sujeito do desejo. Ela agora pode desejar também, mas o desejo desta narradora (que já foi mulher) está deslocado com relação ao lugar de desejo de um homem heterossexual, pois ao responder à pergunta de sua parceira alta e morena, passa a refletir:

Poderia ter imaginado mil coisas, mas naquele momento tinha que satisfazer as exigências do meu novo equipamento genital. *Lembrei do quanto uma colega de escola me excitava com seus seios enormes aparecendo debaixo da blusa branca. Agora eu podia tocar estes seios sem do julgamento das colegas. Posso tudo. Posso tratar a moça como eu gosto de ser tratada, com suavidade, carícias macias e lambidas safadas. Ou posso ser violenta, sádica até* (VON, 2000, p. 17 - grifo meu).

É nessa reflexão que o deslocamento em relação à matriz heterossexual torna-se mais evidente. Se se mantiver em mente que a narradora adquiriu seu pênis apenas pela manhã, como haveria ela de ter se sentido sexualmente atraída por uma colega da escola? Ora, isso indica que mesmo antes do advento de ter acordado com um pênis, a narradora já havia manifesto interesse erótico por outra mulher. Logo, esse primeiro encontro configura-se como chave de leitura para o conto, pois mostra que, mesmo dentro do casamento tradicional, nos moldes desejados pela matriz heterossexual, há espaço para a contra-identificação, o que indica um primeiro deslocamento do sujeito: de narradora identificada com a forma-sujeito da formação discursiva dominante (esposa heterossexual com filhos), passa a ocupar a posição-sujeito de um homem que tem encontros sexuais fortuitos com mulheres. A necessidade de um pênis para que tal deslocamento possa se efetuar mostra que, ainda que subversiva, a narradora se mantém nos limites da formação discursiva dominante, pois a necessidade de um pênis (dado biológico) para legitimar o intercurso sexual com outra mulher assevera o contínuo causal sexo-gênero-desejo. Entretanto, a experiência de ocupar o lugar do homem em uma relação heterossexual não é satisfatória para a narradora, que declara: “ela foi embora frustrada e eu também. Quis dar uma de machinho e me danei” (VON, 2000, p. 18). Têm-se assim já definidas duas posições-sujeito:

- PS1, ou sujeito plenamente identificado com a forma-sujeito da matriz heterossexual (posição na qual a diferença sexual é determinante do gênero/papel social, que por sua vez determina o desejo heterossexual).

- PS2, na qual o dado biológico (a diferença sexual) determinaria o gênero (homem ou mulher), mas não a orientação do desejo (que se configura como desejo de índole homossexual), visto que a narradora, em sua adolescência, descreve seu desejo por uma colega, desejo esse recalcado pelo policiamento realizado pelas outras colegas.

Na segunda aventura sexual vivida pela narradora, ela se encontra caminhando pela Oscar Freire, na cidade de São Paulo, avenida conhecida pela quantidade de lojas de grife que abriga. De repente, percebe-se completamente sem dinheiro: “não tenho dinheiro nem para um sorveteinho” (VON, 2000, p. 18). Ao aperceber-se que um guarda policial a olha interessadamente, a narradora dá-se conta de uma possibilidade completamente nova para ela: a de sentir-se atraída por uma pessoa do mesmo gênero, e a de ganhar dinheiro vendendo o seu próprio corpo (agora masculino):

O guarda nota, me convida para dar uma voltinha na kombi da CET.
- Só se você me comprar aquela camisetinha preta da Forum - arrisco. Quando eu poderia imaginar que alguém pagaria pelo meu corpo? (VON, 2000, p. 18).

Em seguida, a narradora, aceitando o passeio de kombi proposto pelo guarda, acaba descobrindo novas possibilidades eróticas que desestabilizam o *continuum* que rege a formação discursiva identificada como matriz heterossexual:

Numa pracinha escondida do Jardim Europa, atrás das antigas mansões, até algemada sou. Faço delícias. E aprendo que, na falta de buracos óbvios, os alternativos resolvem muito bem a questão. E pensar o quanto apanhei do marido por negar o orifício escondido! Sempre tive medo da dor. Mas com o guardinha, estava até implorando pela divina e prazerosa dor (VON, 2000, p. 19).

No momento em que a narradora, possuindo um pênis (diferença sexual) que determina seu gênero como sendo masculino), identifica-se com o desejo pelo mesmo sexo-gênero, ela passa a ocupar a mesma posição-sujeito ocupada naquele momento da adolescência em que, ainda desprovida de pênis, dotada apenas da diferença que determina o gênero feminino e o desejo heterossexual, desloca a sua posição-sujeito para um outro lugar, na qual o pênis é ainda a origem do *continuum* causal da heterossexualidade. Entretanto, outra vez o dado biológico determina o gênero mas não o desejo, o que se configura como uma contra-identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da matriz heterossexual, refratando novamente o efeito-sujeito produzido pela PS2 (anteriormente descrita).

Finalmente, é chegado o momento do último intercuro sexual descrito pela narradora-protagonista. Enquanto desfila seu corpo masculino travestido com vestes femininas pelas ruas de São Paulo, é abordada por um travesti em pleno *trottoir* à procura de clientes. Este, não querendo concorrência, a ameaça:

- Ei, aqui é o meu ponto! - berra um travesti alto e negro [...]
O negócio estava ficando feio para o meu lado. Os amigos do negro começam a se juntar contra mim e eu sozinha e abandonada com o pinto entre as pernas (VON, 2000, p. 20).

Neste momento, a narradora ouve uma voz oferecendo ajuda. De longe, ela reconhece o carro, um Opala '72 que pertence ao seu cunhado. E dentro dele, qual a surpresa quando a narradora encontra o próprio marido, que propõe um programa em um “hotelzinho que você vai adorar” (VON, 2000, p. 20). Já no hotel, quando finalmente o marido começa a tirar a roupa, a narradora fica abismada: o marido está usando um conjunto de lingerie preta que ela havia comprado, isso quando ela ainda não era homem, nem possuía pênis ou pêlos faciais:

Parece que a ocasião é especial para ele. Desfilando as banhas trêmulas, pergunta:
- Gosta? Roubei esta calcinha da vaca da minha mulher. Ai me dá um tesão!
Fica de quatro na cama, com o bundão branco empinado, implora:
- Faz de mim sua mulherzinha, faz... (VON, 2000, p. 21).

Nesse momento a narradora aproveita a oportunidade para vingar-se do marido: “meu membro acorda de repente, assanhado com a possibilidade de sodomizar aquele homem que tanto me fez sofrer” (VON, 2000, p. 21). Finalmente ela se dá por vingada, após exaurir sexualmente o próprio marido: “horas de selvageria depois, deixo o homem lá, acabado, prostrado” (VON, 2000, p. 21). Assim, em seu último encontro, emergem duas novas posições-sujeito, que serão definidas como PS3 e PS4.

A PS3 vai dar conta de um sujeito que conhece e assimila os saberes de PS1 (um sujeito do discurso plenamente identificado com a forma-sujeito da matriz heterossexual) e PS2 (um sujeito do discurso que se identifica com a questão de que o sexo determina o gênero, mas não conduz necessariamente a uma prática heterossexual). Em outras palavras, o sujeito do discurso de PS3 identifica-se com o desejo pelo mesmo (tanto do mesmo sexo quanto do mesmo gênero), mas não aceita o deslocamento realizado por PS2, relativo à questão dos privilégios hierárquicos da heterossexualidade (que em todas as PS descritas, é

tida como uma expressão do desejo erótico *normal, moral, adequada e produtora*, ainda que tal formulação esteja cristalizada em diferentes graus em cada PS descrita. Assim, o sujeito PS3 desloca seu desejo para o mesmo sexo, *travestido* com o gênero determinado pelo outro sexo em uma paródica tentativa de salvaguardar a expressão de seu desejo sem perder os privilégios assegurados pela heteronormatividade (garantidos por um casamento fracassado, mas que responde às expectativas da forma-sujeito dessa formação discursiva).

A PS4, finalmente, configura o lugar onde está presente o maior deslocamento em relação à forma-sujeito: ainda que o dado biológico, a diferença sexual anatômica esteja na origem, ela não determina nem o gênero, nem o desejo. Se sexo (pênis) determina o gênero (masculino), que por sua vez determina o desejo (heterossexual), qual o efeito de sentido produzido pela posição-sujeito ocupada por um travesti dentro da matriz heterossexual, posição na qual o sexo (pênis) não determina inscrição de gênero masculina. Ainda que parodicamente, o travesti se inscreve no gênero feminino, e finalmente subverte a própria normatividade sexual, pois mesmo que pertencendo ao gênero feminino, o travesti sodomiza outro homem, instaurando a prática homossexual entre dois sujeitos que, biologicamente, se configuram como pertencendo ao sexo masculino.

O travesti desloca completamente a lógica causal da matriz heteronormativa, deslocando os eixos do determinismo causal pressupostos pela formação discursiva dominante. Assim, o sujeito travesti rompe de tal forma com a matriz heterossexual que a posição-sujeito que ocupa está em outro lugar, fora da FD dominante, a qual é regrada pela matriz heterossexual de produção de sentidos. Ainda que sua identidade tenha como nascedouro a matriz heterossexual, o travesti desidentifica-se de tal maneira da forma-sujeito da FD dominante que seu dizer é impossível dentro dela. Ao se pensar em *gay* como o homem que se identifica com o sexo e com o gênero, mas não com o desejo heteronormativo (enfim, um homem que se encontra na PS2) e, por oposição, em *lésbica* como a mulher que se identifica com o sexo e com o gênero, mas não com o desejo heteronormativo (enfim, uma mulher que se encontra em PS2), o travesti seria *naturalmente* (sexualmente) um indivíduo com pênis, inscrito socialmente como pertencente ao gênero feminino e expressando um desejo que não pode ser considerado legítimo. É em última instância, uma *mulher com pênis*, um oxímoro, uma contradição de termos, dado que a identidade de gênero feminina constitui-se, dentro dessa formação discursiva, a partir da ausência do pênis.

Logo, além da formação discursiva regrada pela matriz heterossexual, há uma outra formação discursiva, na qual o dado biológico (um pênis, uma vagina) *não determinam* as

possíveis posições-sujeito a serem ocupadas. Ainda que seja um trabalho interessante a exploração das diferentes posições-sujeito que configuram esta outra formação discursiva, subalternizada frente à formação discursiva dominante, são outros os pontos que serão destacados aqui.

O primeiro deles é o fato de que, na FD dominante, há um mecanismo (o contínuo sexo-gênero-desejo) que regula as possibilidades de subjetivação em relação a uma forma-sujeito heteronormativa, legitimando (ou não) as subjetividades sexuais, determinadas sempre em relação à essa forma-sujeito heterossexual. E finalmente, o segundo dá conta da existência de um outro domínio de saberes, latente e deslegitimado em relação à formação discursiva dominante, no qual são possíveis outras alternativas de subjetivação, alternativas que fogem à lógica causal do contínuo sexo-gênero-desejo. Como forma-sujeito dessa FD, há um lugar no qual a subjetivação do desejo obedece a uma outra lógica: emerge então a possibilidade de uma posição-sujeito na qual o travesti não é uma aberração ou uma personalidade desajustada; uma FD que não parte do esquecimento da possibilidade cumulativa de diferenças sexuais, uma lógica na qual até mesmo os hermafroditas e intersexuais são reconhecidos como sujeitos legítimos, sem haver a necessidade da mutilação prevista pela matriz heterossexual. Entretanto, tal formação discursiva, na qual a lógica do *ou (x)X ou (x)Y* dá lugar a uma outra lógica, a do *e/ou (x)X e/ou (x)Y*, lógica na qual um hermafrodita não se configura como *erro genético*, mas como possibilidade plausível e legítima. Infelizmente, parece que o único lugar no qual a lógica da matriz heterossexual não consegue ser a lógica natural e dominante é o comércio sexual, particularmente o mercado de profissionais do sexo, o mercado de vídeos pornográficos, e – finalmente – o mercado das representações literárias – um dos raros, senão o único, no qual os hermafroditas e travestis desfrutam de alguma legitimidade para expressar seus desejos eróticos.

Referências

ALÓS, A. P. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Porto Alegre, ano 4, vol. 6, p. 1-25, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_6_texto_literario.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.

_____. Em busca de um percurso singular de sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico na Análise do Discurso. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão (SC), vol. 4, p. 489-512, 2004a. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0402/14%20art%2012.pdf>>.

Acesso em: 20 jan. 2012.

_____. A tecnologia discursiva do sexo: um olhar sobre a heteronormatividade latente na obra de Alex Comfort. *Humanidades - Série Letras* (FEOB). São João da Boa Vista (SP), vol. 5, p. 105-124, 2004b.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. *Posições I*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Pontes, 1989. (Dois volumes).

BERSANI, L. *Homos*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

BHABHA, H. K. O compromisso com a teoria. In: _____. *O local da cultura*. Tradução: Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 43-69.

BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and The Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

_____. *Bodies That Matter: On The Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 1993.

_____. *Excitable Speech: A Politics of The Performative*. New York: Routledge, 1997.

_____. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford: Stanford UP, 1997.

CAMPOS, M. do C. e INDURSKY, F. (Orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

DE LAURETIS, T. *Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema*. Bloomington: University of Indiana Press, 1984.

FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS - Instituto de Letras, 2001.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramalhete. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FISCHER, A. Triunfo dos invertidos. In: TREVISAN, J. S. *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*. São Paulo: Summus, 2000. p. 7.

HAGGERTY, G.; ZIMMERMAN, B. (Eds.) *Professions of Desire: Lesbian and Gay Studies in Literature*. New York: The Modern Language Association of America, 1995.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: CAMPOS, M. do C.; INDURSKY, F. (Orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 70-81.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. *Semântica e sentido: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi, Lourenço Jurado Filho, Manuel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Serrani. Campinas: Unicamp, 1988.

THOMAS, C. (Ed.) *Straight With a Twist: Queer Theory and The Subject of Heterosexuality*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2000.

TREVISAN, J. S. (Org.). *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*. São Paulo: Summus, 2000.

VON, A. Triunfo dos pêlos. In: TREVISAN, João Silvério (org.). *Triunfo dos pêlos e outros contos GLS*. São Paulo: Summus, 2000. p. 15-21.